

Cruzando o Atlântico: os ecos da abolição do Ceará no mundo atlântico (1884)

Lusirene Celestino França Ferreira*

Resumo:

Este trabalho pretende analisar a repercussão da abolição do Ceará nos periódicos que circulavam na Corte, tendo como objetivo perceber os desdobramentos das notícias sobre este evento histórico e seus impactos tanto nas ruas do Rio de Janeiro, quanto em Paris numa perspectiva de história atlântica.

Palavras Chave: história atlântica; repercussão; abolição do Ceará.

Abstract:

This work intends to analyze the repercussion of the abolition of the Ceará in the periodic ones that they circulated in the Corte, having as objective in such a way to perceive the unfoldings of the notice on this historical event and its impacts in the streets of the Rio de Janeiro, how much in Paris in a perspective of Atlantic history.

Key Words: Atlantic history; repercussion; abolition of the Ceará.

A partir das pesquisas nos periódicos da Corte sobre a repercussão da abolição do Ceará, notamos duas dimensões em que esse processo histórico pode ser contemplado. Em um primeiro momento, o impacto das notícias referentes à abolição no Ceará pode ser observado através das tensões nas ruas do Rio com as festas realizadas em comemoração ao “Ceará Livre” tendo a participação de vários grupos sociais, causando grande comoção pública nas ruas, nos teatros, nos jardins, nos pavilhões, nos largos, nas praças e vielas da Corte Imperial. Já em outro momento, notamos esta repercussão a nível internacional, uma vez que, as notícias da abolição do Ceará cruzaram o Oceano Atlântico e ecoaram na França, tendo também uma grande

* Esta pesquisa está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em História da UFSJ (Mestrado), sob a orientação do Prof. Dr. João Paulo Coelho de Souza Rodrigues, com o apoio da bolsa de pesquisa da UFSJ.

repercussão nos periódicos franceses, em virtude do banquete realizado em Paris pelo abolicionista brasileiro José do Patrocínio e o abolicionista francês Victor Schoelcher.

Sendo assim, é nesse movimento de circulação e recepção de notícias, informações e idéias que pretendemos mergulhar nesses cenários atlânticos e no caso da repercussão internacional, o Atlântico representará um espaço que possibilita estes diálogos e as conexões entre os atores sociais envolvidos neste processo histórico.

Nesta pesquisa sobre a repercussão da abolição do Ceará no mundo atlântico indicamos como ponto de partida algumas perspectivas teóricas apresentadas mais recentemente por Célia Azevedo. Especialmente quando ela recentemente ofereceu uma abordagem comparada sobre o abolicionismo nos Estados Unidos e no Brasil, estabelecendo conexões e cruzando a história do abolicionismo transatlântico. Em *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XIX)*,¹ a autora -- partindo de um estudo de história comparada -- se destaca ao trazer novas abordagens para a historiografia da abolição. Com base numa perspectiva cultural traz luzes analíticas para o tema, especialmente focado nas perspectivas de história econômica e história política.

Decifrando as linguagens abolicionistas, Célia Azevedo avalia as dimensões transnacionais, uma vez que o movimento anti-escravista estabelecia conexões transatlânticas e ultrapassava os liames das supostas fronteiras nacionais, transformando-se num cenário internacional sob diálogo. Tal dimensão internacional do pensamento antiescravista só teria sido possível em meados do século XIX a partir de uma organização internacional (*sociedade britânica e estrangeira contra a escravidão*) criada por abolicionistas britânicos para contatar abolicionistas estrangeiros no EUA, França e Caribe, expandindo o movimento anti-escravista a nível mundial. Ao passo que o abolicionismo se solidificava nos Estados Unidos contando com uma boa estrutura, com centenas de jornais e sociedades abolicionistas espalhados pelos estados do norte, no Brasil não havia nenhum vestígio de uma comunidade de sentimento antiescravista até meados do século XIX. Somente em meados de 1860 é que os abolicionistas brasileiros começaram a se organizar e lutar pelo fim da escravidão, passando assim, a participar do movimento abolicionista internacional.

Célia Azevedo ressalta que a partir das conexões abolicionistas transatlânticas, através das trocas de idéias e experiências entre os participantes desse movimento foi

¹ Tese de doutorado defendida em 1993 na Universidade de Columbia e publicada no Brasil em 2003

possível perceber um nível de comparação que os abolicionistas americanos faziam entre a escravidão sulista norte-americana e a escravidão em outras partes do mundo, inclusive a escravidão brasileira. Destaca que os abolicionistas americanos construíram a imagem de que a escravidão no Brasil era mais branda do que a escravidão sulista norte-americana. A partir dessas comparações, ainda no século XIX, a imagem de um paraíso racial brasileiro foi contrastado com o inferno racial norte americano, sendo até mesmo incorporadas na historiografia da escravidão por vários estudiosos do século XX, como Gilberto Freyre e Frank Tannenbaum.

Mais que isso ela aborda de maneira original como a imagem de *paraíso racial* da escravidão no Brasil foi construída a partir de diálogos e percepções mútuas e cruzadas de abolicionistas norte-americanos e brasileiros. Comparando as ideologias abolicionistas -- apesar dos diferentes contextos históricos -- foi possível perceber semelhanças e diferenças no ideário abolicionista dos Estados Unidos e do Brasil. Assim, ela aborda como as imagens projetadas tanto pelos abolicionistas brasileiros quanto pelos abolicionistas americanos sobre a escravidão construíram a idealização de uma escravidão mais branda contra aquela mais cruel. Numa sociedade, embora os escravos fossem considerados inimigos domésticos, eram mais bem tratados e os senhores eram menos cruéis. Na outra, os senhores eram considerados os mais cruéis do mundo e os escravos eram visto como irmãos da família humana. Ainda que tivessem contextos históricos distintos para o processo de propaganda abolicionista, as fontes para o pensamento antiescravista nos dois países revelam as especificidades das diferentes visões que eram projetadas no cerne de um movimento abolicionista atlântico. Por um lado, no discurso abolicionista brasileiro prevalece o secularismo, recorrendo ao cientificismo para demonstrar os erros da escravidão; por outro lado o discurso abolicionista norte-americano era pautado em fundamentos religiosos, considerando a escravidão como um pecado que deveria ser abolido.

Neste original estudo comparativo Célia Azevedo enfatiza a emergência do abolicionismo compreendido numa dimensão atlântica. Através dessas conexões transatlânticas entre os abolicionistas de vários países se percebe as nuances e desdobramentos de processos históricos – conectados e muitas vezes articulados - envolvendo idéias e experiências que circulavam. Os abolicionistas dos Estados Unidos e do Brasil compartilhavam com a mesma preocupação em relação à imagem e aos papéis de seus países perante o problema da continuidade da escravidão. Embora

tivessem distinta maneira de resolver esse problema, uma das questões levantada pelos respectivos abolicionistas era “o que fazer com os escravos emancipados?”.

Outro autor que dialogaremos nesta perspectiva atlântica é Dale Tomich, no qual parte da noção de *economia-mundo* de Braudel e Wallerstein para conceituar o Atlântico como um espaço histórico que está sendo construído e reconstruído a cada processo histórico. Tendo como premissa a economia mundial capitalista moderna, ele propõe uma nova forma de se ver o Atlântico, tanto na dimensão espacial quanto na dimensão temporal, não desprezando as conexões e trocas que esse espaço atlântico proporciona.

Tomich ainda afirma que, o estudo da “historia atlântica” envolve vários problemas teóricos e metodológicos, uma vez que, muitos historiadores tratam o Atlântico como um espaço geográfico físico e não como um espaço histórico cultural. E ao trabalhar a história atlântica com esta concepção geográfica, tendem a considerar o Atlântico como um espaço físico, já dado e construído e não como um elemento constitutivo do processo histórico. Desta forma, considerando o Atlântico marítimo como um espaço histórico, ele deixa de ser apenas estruturas fixas para se transformar em um espaço móvel de conexões e interações. (Ver: TOMICH, 2004:221-240)

Desta forma, articulando estas abordagens atlânticas pretendemos analisar o processo de repercussão da abolição no Ceará e seus desdobramentos no mundo atlântico, e assim, refletindo um processo de diálogos e conexões, tendo em vista que as notícias que se reproduziam nos jornais, panfletos e outros impressos tinham um alcance bem maior do que se imaginam, elas conseguiam propagar “rumores” e “expectativas” nos dois lados do Atlântico.

Diálogos e Conexões: “o Ceará em Paris”

Após a decretação da abolição no Ceará em 25 de março de 1884 as ruas da Corte Imperial se tornaram palco de festas, comícios, quermesses, passeatas e manifestações públicas de diversos setores da sociedade. Edmar Morel pontua que houve uma grande comoção popular nas ruas da Corte com as festividades feitas em comemoração ao “Ceará Livre”, principalmente com a presença do Jangadeiro José Francisco do Nascimento, que ficou conhecido como Dragão do Mar por sua participação no movimento abolicionista no Ceará, impedindo que no porto de Fortaleza

embarcassem escravos. Segundo Edmar Morel, “as ruas tomaram aspecto de festa: o povo aglomerava-se e a curiosidade era grande para ver Nascimento”. (MOREL, 1988: 156).

Essas manifestações nas ruas foram mais além, não apenas despertou o interesse da opinião pública sobre essas notícias, mas criaram expectativas e rumores na população da Corte. Em dois de maio de 1884 os ecos das festas em comemoração ao Ceará ainda se reproduziam nas ruas do Rio de Janeiro:

As placas da propaganda

No largo São Francisco de Paula apareceram pregadas no Canto da rua do ouvidor e nas paredes da escola polytechnica, grandes placas de ferro com a seguinte inscripção:

LIVRE

25 de Abril de 1884

A população da Capital do Império vê estupefacta [...] (DIARIO DO BRAZIL, Rio de Janeiro, 02/05/1884).

Os ares de denúncia nas páginas dos jornais conservadores não pararam a campanha abolicionista na Corte. Os jornais abolicionistas – principalmente a *Gazeta da Tarde*² – além de colocarem as homenagens ao Ceará nas primeiras páginas com letras garrafais por vários meses, divulgavam ao máximo as festas que ocorreram na Corte. Em contrapartida, os jornais mais conservadores atacavam veementes esses acontecimentos, inclusive, a passeata da jangada que desfilou por todas as vielas e ruas da Corte, ficando depois exposta no Museu Nacional. No editorial do *Diário do Brazil* do dia nove de maio de 1884, esse episódio da jangada é contado em tons irônico:

[...] Entretanto ao Museu foi recolhida a jangada de Francisco do Nascimento, esse pobre homem que veiu a instâncias de outros não menos

² O jornal *gazeta da tarde* foi um dos jornais da Corte que mais apoiou a campanha abolicionista no Ceará, tendo o editor da *gazeta da tarde*, José do Patrocínio viajado para o Ceará um pouco antes da província do Ceará ter decretado o fim da escravidão. Ver: MOREL, Edmar. *Vendaval da Liberdade: a luta do povo pela abolição*. São Paulo: Global, 1988; MAGALHÃES JR., Raimundo de. *A vida turbulenta de José de Patrocínio*. 2ª edição revista pelo autor. São Paulo, LISA; Rio de Janeiro: INL, 1972; GIRÃO, Raimundo. *A Abolição no Ceará*. 2ª edição revista. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Ceará, 1969.

pobre homens representar uma verdadeira farça, um brinquedo de carnaval.

Quem é o heróe e, e o que é a jangada, todos os seguem nessa cidade.

[...]não consistamos [sic]que seja illudida a história com tão ridículo e falso documento como a jangada foi recolhida ao Museu Nacional. Retiremos aquillo d'alli.[...]. (DIARIO DO BRAZIL, Rio de Janeiro, 09/05/1884)

As notícias sobre a abolição no Ceará causaram um grande abalo na sociedade brasileira, e apesar do movimento abolicionista já estar atuando há alguns anos, o impacto desse evento ganhou contornos inesperados, tendo em vista que essas notícias atravessaram o Atlântico e repercutiu internacionalmente.

Em 21 de abril de 1884, o jornal abolicionista *Gazeta da Tarde* noticiava o banquete que havia acontecido em Paris no dia 25 de março em comemoração a abolição do Ceará, com a presença de políticos, literatos e da imprensa francesa:

O Ceará em Pariz

A festa da libertação do Ceará foi celebrada em Pariz.

José do Patrocínio quis unir-se em pensamento, aos seus compatriotas e em grande banquete que effectuou no Brebaut em 25de março reuniu, homens políticos, jornalistas e litteratos de todos os paizes para comemorar a libertação total de uma das províncias do Brazil.

Entre os convidados notavam-se os Srs. Deproge, Guillot, Françonieer, Gerville, Reache (deputados); e Betaniés, ministro da República Dominicana.

Um grande número de jornaes francezes e estrangeiros tinham-se feito representar [...] (GAZETA DA TARDE, Rio de Janeiro: 21/04/1884)

Essa festa em Paris em comemoração a abolição do Ceará só aconteceu por causa da viagem que o abolicionista negro José do Patrocínio fez em novembro de 1883 a bordo do Navio Equateur para a Europa, primeiramente com o intuito de curar-se de problemas de saúde, mas a partir dos eventos que ocorreram no Brasil, sua viagem tomou outros rumos, tendo em vista que essa viagem também serviu para Patrocínio manter laços de amizade com outros abolicionistas europeus. E foi assim que Patrocínio³ conseguiu o apoio do Senador vitalício e abolicionista francês Victor

³ Nesta viagem para a Europa Patrocínio também conseguiu o apoio do escritor francês Victor Hugo através de um bilhete que o escritor felicitava a província do Ceará pelo feito da abolição.

Schoelcher para realizar o banquete para celebrar a abolição da escravatura na província do Ceará. (cf. MAGALHÃES JR., 1972).

Nesse ínterim, as notícias sobre o banquete realizado em Paris já chegavam ao Brasil e foram em sua grande maioria transcritas e traduzidas para as páginas do jornal *Gazeta da Tarde*. Vários artigos e notícias publicadas na imprensa de Paris relativas ao banquete e a abolição no Ceará foram traduzidas e remetidas por Patrocínio para a *Gazeta da Tarde*. Dentre os jornais franceses que acompanharam este evento estão o *Temps* e a *Opinion*.

Em 18 de abril de 1884, o jornal *Gazeta da Tarde* publicava o bilhete que o escritor Victor Hugo havia enviado a Patrocínio, contudo o bilhete não foi transcrito na íntegra, pois segundo Patrocínio, algumas partes do bilhete só o interessava, o conteúdo era de ordem pessoal.

E assim, foram meses publicando e divulgando as notícias referentes ao banquete de Paris, até a volta de Patrocínio ao Brasil.

Considerações finais:

A partir destas primeiras reflexões sobre a repercussão da abolição do Ceará percebemos que a história da abolição do Ceará pode ser analisada sob uma nova ótica, em que não privilegiamos apenas os estudos regionais ou locais, mas que podemos analisá-la também numa dimensão atlântica internacional. Dubois apontou em seu estudo sobre história intelectual do Atlântico francês que o Atlântico é um espaço integrado de debates e tensões em que os atores políticos se relacionam.

[...] no mundo Atlântico contribuiu para gerar as possibilidades e as tensões que nele eram vividas. É esta realidade – de um mundo integrando não apenas à circulação de corpos acorrentados e das mercadorias produzidas pelos escravos, mas também pela circulação de palavras, idéias e esperanças geradas por esta injustiça generalizada [...] (DUBOIS, 2004: 341).

Com efeito, é nessa circulação de informações, idéias e notícias que percebemos o desdobramento de uma outra face do abolicionismo, em que os diálogos e as conexões

entre os abolicionistas não apenas resultaram em trocas de idéias, mas possibilitou também a circulação de culturas políticas pelo Atlântico, em que atores sociais, periódicos, matérias jornalísticas e outros impressos viajando pelo Oceano Atlântico, levavam e traziam expectativas, experiências, rumores e debates para os quatro cantos do mundo.

Referências bibliográficas:

AZEVEDO, Célia Maria Marinho. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XIX)*. São Paulo: Annablume, 2003.

DUBOIS, Laurent. Luzes escravizadas: repensando a história intelectual do Atlântico francês. *Revista de Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, Ano 26, n.2, p.331-354.

GIRÃO, Raimundo. *A Abolição no Ceará*. (2ª edição). Fortaleza: Secretaria de Cultura do Ceará, 1969.

MAGALHÃES JR., Raimundo de. *A vida turbulenta de José de Patrocínio*. 2ª edição revista pelo autor. São Paulo, LISA; Rio de Janeiro: INL, 1972.

MOREL, Edmar. *Vendaval da Liberdade: a luta do povo pela abolição*. São Paulo: Global, 1988.

TOMICH, Dale. O Atlântico como espaço histórico. *Revista de Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, Ano 26, n.2, p. 221-240, 2004.